

# LEICA A MARCA ALEMÃ NA VERSÃO PORTUGUESA

Da produção de componentes para as máquinas fotográficas ao “made in Portugal” inscrito nos binóculos e miras telescópicas, foi todo um caminho de conquista. A fábrica expandiu-se e ganhou autonomia e créditos no desenvolvimento do produto e na propriedade intelectual. Bons trunfos para quem chegou aos 50 anos

— POR CESALTINA PINTO

# L

Laurinda Silva, 66 anos, levanta-se às 5h45 para cumprir o horário das 7h30 às 16h15 (há um outro turno, mais cedo, das 7h às 15h45). Há 45 anos a trabalhar na empresa, e sendo uma das mais antigas, há muito que incorporou o ritmo e a disciplina do modelo alemão. É o trabalho de uma vida inteira, para quem, em 1978, conseguiu, aos 21 anos, o seu primeiro emprego. “Morava na Portela [Famalicão] e, junto à minha casa, tinha um caminho em que se saltava um muro e, pronto, estava na Leica”, conta. Por isso, ficou agradada quando o pai, polícia, lhe arranhou uma entrevista de emprego ali. Tendo apenas os estudos secundários, ficou a trabalhar na ótica.

Inesperadamente, tira de uma gaveta uma antiga objetiva Fotocar, que guarda como seu objeto de estimação. “Era nisto que trabalhava. Vinham alemães para nos dar formação e entendíamos por gestos”, recorda. Não tardou a que daí passasse para os binóculos. Lembra como o seu chefe alemão, “o sr. Muller”, a qualificava como perita a trabalhar lentes. Mas, entretanto, ela tirou “um curso de computadores” e, em 2001, mudou-se para a logística. Atualmente, e já noutras instalações bem maiores, trata das guias de transporte que, todas as sextas-feiras, acompanham o camião que sai daqui carregado de produto e componentes para a sede, em Wetzlar, na Alemanha.

A conversa está animada quando um jovem se atravessa no caminho. “Agora, este é o meu chefe”, diz Laurinda, com sorriso maroto. A linguagem já não é gestual, porque João Gomes, 27 anos, é bem português. Licenciado em Gestão pela Universidade do Minho, e mestre em Gestão das Organizações pelo IPMA, este miúdo de olho vivo, nascido na Póvoa de Lanhoso e residente em Braga, estava numa empresa do ramo automóvel quando, há dois anos, aceitou o “desafio” da Leica para encabeçar um projeto de reformulação e otimização dos armazéns. Gere uma equipa de 20 pessoas e a sua expectativa é a de “crescer juntamente com elas”.

D.R.

Este rejuvenescimento das chefias, que em vez de alemão passaram a falar português, marca a evolução dos 50 anos da Leica em Portugal. E o melhor exemplo até está na administração, encabeçada pela dupla Pedro Oliveira, de Engenharia, e Vítor Freitas, de Gestão, ambos de 47 anos.

“Quando vim para a Leica, a administração era alemã. Todas as áreas, à exceção da mecânica, eram lideradas por alemães e havia também alguns trabalhadores. Com o tempo, foram sendo substituídos e, hoje, somos uma fábrica 100% portuguesa”, frisa Pedro Oliveira. Mais: se antes “os funcionários portugueses eram meros executantes”, hoje já conquistaram créditos de “propriedade intelectual e desenvolvimento de produto”. O que lhes vale o orgulho de já ter bem inscrito, nos binóculos e miras telescópicas (em que se concentra 50% da produção), o “made in Portugal”. Algo que não acontece nas máquinas fotográficas, que, apesar de terem vários componentes e subgrupos feitos nesta mesma fábrica, continuam a ser desenvolvidas, montadas e finalizadas na Alemanha. E, por isso, são “made in Germany”.

Pedro Oliveira, licenciado em Engenharia de Materiais pela Universidade do Minho, natural de Cabeceiras de Basto, estava a trabalhar no duro na venda de melões na feira de Vidago, com o pai, comerciante, quando lhe ligaram da Leica para ir a uma entrevista. “Comecei a 3 de abril do ano 2000”, diz. Recorda o que era trabalhar na galvanoplastia, ainda com “processos muito pesados” e de como foram, depois, “pioneiros” na introdução de novos materiais, como o magnésio, uma “inovação nos tratamentos de superfície”. Aos 27 anos, assumiu a chefia da área mecânica – sucedendo ao chefe alemão que se reformou – e ficou a liderar 150 pessoas. Discordâncias quanto à estratégia de organização da produção levaram-no a sair da empresa. Mas, um ano depois, deram-lhe razão e



LUCILIA MONTEIRO



LUCILIA MONTEIRO



LUCILIA MONTEIRO



LUCILIA MONTEIRO

convidaram-no a voltar. Integrou a área ótica, que sempre foi o grande trunfo da empresa. Esteve um ano na casa-mãe, na Alemanha, a fazer consultoria interna, e em 2009 regressou a Portugal, como diretor de produção. Em 2010, passou a administrador. “Ganhámos muita autonomia. E desde que o resultado seja bom, continuaremos a tê-la.” Dois administradores não executivos, que não estão em Portugal, são o que resta da presença efetiva alemã na fábrica que, em 2013, se reconfigurou em novas instalações na zona industrial de Lousado, em Famalicão.

Quando, em 1973, a marca alemã decidiu deslocalizar a produção para Portugal, os dois atuais administradores executivos ainda não tinham nascido. Mas sabem que foi “o boom dos custos da indústria alemã” que obrigou a procurar outros destinos. “Procuravam essencialmente duas coisas: mão de

obra barata – e que ninguém se iluda em relação a isso – e um país que, além de mão de obra barata, oferecesse qualificação, competência e capacidade”, diz, sem rodeios, o administrador. Num trabalho que exigia habilidade de mãos e grande precisão, os acionistas alemães encontraram em Famalicão os trabalhadores de A Boa Reguladora, com créditos na relojoaria, assim como

os oriundos da tradição na filigrana, ou mesmo da indústria têxtil. “Havia muitas mulheres com muita sensibilidade para tarefas finas e o Norte de Portugal era reconhecido por ter uma predisposição grande para o trabalho”, vai contando Pedro Oliveira, enquanto, com passo acelerado, nos guia pelas várias áreas da fábrica: ótica, mecânica, montagem e desenvolvimento.

Dos cerca de 800 trabalhadores atuais, serão aí uns 300 que contam mais de 20 anos de casa. São mais mulheres do que homens, porque estas têm “mãos menos rudes” e alguns trabalhos exigem delicadeza de dedos. Pedro Oliveira para e obriga-nos a reparar no cenário mais amplo. “Veja, no mesmo raio de visão está uma pessoa com experiência e outra acabada de sair da universidade; um equipamento totalmente novo e outro, ao lado, com décadas. Esta fábrica permite esta imersão, em algo que terá de

**“Ganhámos muita autonomia. E desde que o resultado seja bom, continuaremos a tê-la”**

## A história da Leica em português

**1973**  
Criada uma pequena unidade em Famalicão, com cerca de uma dezena de

trabalhadores, para montar microscópios. O Banco Espírito Santo detém 8% do capital. Em 1974, muda-se para novas instalações, e aí se mantém até 2013.

**1977**  
Assegura a montagem integral da Leica

R3. A fábrica tem 180 empregados e começa a montar binóculos.

**1984**  
A pré-montagem da Leica M6, feita no Canadá, é transferida para Portugal.

**1987**  
Expansão da fábrica, criando um terceiro pavilhão, onde funcionará a ótica.

**1988**  
Inicia a produção dos binóculos BN.

**1996**  
Inicia a produção da câmara R8, modelo abandonado em 2002.

**1997**  
Estabelecimento das funções logística e industrial engineering.

**2002**  
Início da montagem das máquinas fotográficas M7. Criação de uma unidade de cromagem.

**2013**  
Inaugurada a nova fábrica, que sai do centro de

Famalicão para a área industrial. São 52 mil m<sup>2</sup>, 13,6 mil dos quais destinados à produção. Investimento de €22,5M. Aposta no desenvolvimento do produto.

**2014**  
A produção geral é de 40 mil binóculos, 15 mil

objetivas, 4 mil miras telescópicas e 20 mil máquinas fotográficas.

**2023**  
Impõe-se o “made in Portugal” nos binóculos e miras telescópicas. Prova de domínio do processo desde a conceção ao embalamento final.

**◀ Made in Portugal** Laurinda guarda a “sua” primeira objetiva. Patrícia está a facetar uma lente. Máquinas antigas convivem com as melhores tecnologias

continuar a ser feito à mão, mas que já conta também com tecnologia muito avançada.”

Houve, ainda assim, dois momentos em que tudo poderia ter terminado. Um foi o 25 de Abril e o verão quente que se seguiu. O então administrador, Wolfgang Koch, vivia no Porto e deslocava-se diariamente até Famalicão, num Mercedes. Era o símbolo do apelidado “facho”. Alguém atirou ao carro e o tiro atravessou as janelas, sem causar ferimento. Nesse momento, a Alemanha considerou retirar-se de Portugal. Mas Koch reuniu a equipa e disse que ficava se tivesse o apoio de todos. Teve e ficou, sem mais incidentes.

O outro foi quando a Leica se viu financeiramente afetada pela entrada em força das máquinas digitais. A agravar, houve saída de acionistas e contendas na família Kaufmann, com dois dos três irmãos a abandonar o negócio. Não fosse um deles, Andreas Kaufmann, “acreditar no futuro da marca” e Portugal teria deixado de fazer parte desta história. Mas Andreas tinha uma relação estreita com Portugal (foi CEO da unidade portuguesa), assumiu o controlo acionista, reagiu com o lançamento dos modelos digitais e, em 2009, era novamente líder na quota de mercado.

“Felizmente, demos a volta e o Dr. Kaufmann é o grande decisor do investimento nesta nova unidade” diz, com alívio, Pedro Oliveira. A atual fábrica tem sido palco de grandes transformações. “Passámos de uma unidade totalmente produtiva para uma que hoje é também um centro de competências.”

Bem pode Patrícia, 25 anos, continuar a respirar “a boa energia” que diz sentir ali dentro, desde que entrou, há ano e meio. Concentrada em facetar manualmente uma lente, trabalho meticuloso e que exige atenção ao mais ínfimo pormenor, tenta aplicar os ensinamentos da “D. Bina”, que ocupava aquele lugar e, entretanto, se reformou. [cmpinto@visao.pt](mailto:cmpinto@visao.pt)

## Homenagem aos trabalhadores

Exposição na Casa das Artes de Famalicão põe em evidência todos os que contribuíram para que a história dos 50 anos da unidade industrial seja um caso de sucesso

Quando se fala na Leica, imediatamente é feita a associação com Henri Cartier-Bresson, Robert Capa, David Seymour e George Rodger, os quatro fotógrafos que, em 1947, fundaram a Magnum, a primeira agência fotográfica do mundo. Afinal, foram eles que imortalizaram o modelo profissional (MP) das câmaras Leica, dando força a uma marca que acabou por se sobrepôr, em 1986, ao nome da empresa que as concebeu. Mas não é destes que se fala na exposição que a Leica, com o apoio da autarquia local, promoveu para assinalar as suas cinco décadas em Famalicão. O que aqui se pretende é homenagear todos os trabalhadores que, ao longo destas últimas cinco décadas, contribuíram para que a unidade industrial portuguesa fosse – e esteja a ser – uma história de sucesso no panorama global da empresa alemã.

Com curadoria de Karin Rehn-Kaufmann, diretora de arte e diretora internacional das 26 galerias Leica espalhadas pelo mundo, esta exposição divide-se em vários segmentos. Na série *5 décadas*, recorre-se a fotografias de arquivo, em alguns casos privado, para mostrar a evolução dos contextos laborais e de produção. Já na série *Um dia*, é pela lente do fotógrafo documental Gonçalo Fonseca que se dá a conhecer as rotinas dos trabalhadores nos dias atuais, captadas em junho passado. E, no primeiro andar da Casa das Artes, estão os Rostos de hoje, fotografados por Michael Agel, fotógrafo reputado e que privilegia a Leica.

Por último, estão expostas 12 fotografias consideradas icónicas, da autoria dos vencedores do prémio Leica Hall of Fame, cujo trabalho e carreira contribuíram para o desenvolvimento da marca. Aqui encontram-se nomes como Ralph Gibson, Steve McCurry, Joel Meyerowitz, Thomas Hoepker ou Barbara Klemm. A exposição permanecerá até 12 de novembro, na Casa das Artes, em Famalicão.